

Homenagem à Irmã Leda Maria Pereira Rodrigues

Maria de Lourdes Eleutério*

É com extrema emoção que tomo a palavra, ao retornar a esta casa após 23 anos, para participar desse momento de celebração da ressurreição de Irmã Leda.

Estou aqui para lhes dizer de minha admiração e gratidão àquela que acompanha, desde a graduação, o percurso de minha existência, permanentemente, entre o aprender e o ensinar.

Lembro-me do primeiro dia em que Irmã Leda entrou em minha sala de aula, parecendo-me muito severa. Eu cursava o sétimo semestre e a disciplina ministrada por ela era Pesquisa Histórica. No decorrer daquele ano, o contato ainda foi muito formal, permanecendo a impressão de severidade que eu observara inicialmente.

Ao ingressar depois na pós-graduação, desenvolvi, durante algum tempo, um tema que não foi aquele defendido no mestrado. Isto porque, mesmo com a pesquisa já avançada, resolvi mudar meu objeto de estudo. Foi então que Irmã Leda ganhou outra dimensão aos meus olhos e em minha vida.

Ela apoiou integralmente a guinada que eu tencionava empreender e que significava começar tudo de novo.

Foi assim que conheci aquela que me proporcionou a liberdade de escolha através da qual pude trilhar um caminho que Roland Barthes definiu como o do “saber com sabor”. Foram anos de descoberta sobre meu tema de dissertação e sobre mim mesma.

Eu, uma menina interiorana, filha caçula temporona, vinda ainda pequena para São Paulo, fora muito solitária no meio dos irmãos adultos e, devido ao cuidado familiar, numa cidade que se agigantava, sem muitas amizades. Penso que, em decorrência disso, cresci com bastante insegurança.

Foi então que a orientação e o exemplo de Irmã Leda me ajudaram a crescer, intelectual e emocionalmente. A ela devo muito do que sou hoje, tendo superado aqueles tempos da infância e depois os tempos obscurantistas dos anos 1970-80.

Foi estudando aqui, e sendo orientada por Irmã Leda, que encontrei sentido e razão para aprender e ensinar. Ela me deu liberdade de escolha e não colocou restrições ao meu

* Mestre em História pela PUC-SP e Doutora em Sociologia pela USP. É docente no ensino superior e autora do livro “Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entre-séculos (1890-1930)”. E-mail: <maria_de_lourdes_e@hotmail.com>.

tema de mestrado, justamente o libertário, o anárquico Oswald de Andrade, que lemos juntas, talvez como uma forma de exorcizar, em contraponto, a atmosfera pesada daqueles momentos tão difíceis.

De nossos encontros, ao longo dos anos em que se expandiu um diálogo cada vez mais fundo e uma admiração cada vez mais intensa de mim em relação à Mestra, ficou a lição de um ensinar feito de argumentação, sem imposição, de uma paciência infinita, de um raciocínio límpido, transmitido em linguagem transparente, num exercício de liberdade com o qual eu fui ganhando fôlego, construindo, sem me dar conta, meu próprio percurso para chegar às minhas próprias conclusões. A Mestra me transformara e muito...

Gostaria de retomar aqui a imagem usada por Roland Barthes em sua aula inaugural no Colège de France.

Para o semiólogo francês, o diálogo entre mestre e aluno seria semelhante “às idas e vindas de uma criança que brinca em torno da mãe, dela se afasta, depois volta, para trazer-lhe uma pedrinha, um fiozinho de lã, desenhando assim, [...] toda uma área de jogo, no interior da qual a pedrinha ou a lã importam finalmente menos do que o dom cheio de zelo que delas se fez.”

Embora muito importantes, as pedrinhas, que um dia eu trouxe para Irmã Leda, e, com as quais exerço hoje a minha vida profissional, é o “dom cheio de zelo” que tive a ventura de partilhar com minha orientadora, a maior lição que recebi.

Tal zelo, traduzido no olhar doce, mas perquiridor, de Irmã Leda, impregnou-me de valores com os quais tenho tentando conviver para manter-me fiel aos ensinamentos recebidos. Dentre eles, a perseverança na fé e na justiça e o exercício infindável da tolerância e da humildade.

Portanto, penso que, para muito além do conhecimento que um pesquisador ou professor pode almejar, o que permanece é aquele “dom cheio de zelo” ofertado por Irmã Leda a todos quantos tiveram o privilégio de conviver com ela. Esse é o seu legado inesquecível.

Eu gostaria ainda de fazer um agradecimento público a todas as irmãs da Congregação, em especial à Irmã Valdete, por ter cuidado, nos últimos anos, com tanto desvelo de nossa querida Irmã Leda.

Recebido em junho de 2010; aprovado em junho de 2010.